

Haydu, Verônica Bender. Cuidar, cativar, ser responsável. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1185, p. 7, set. 2005.

CUIDAR,
CATIVAR,
SER RESPONSÁVEL

Tenho recebido pedidos para escrever mais sobre questões referentes a relacionamento conjugal e, por isso, vou retomar o tema que abordei na Edição. nº 1178, do Tribuna do Vale do Paranapanema: “Cuidar e fazer-se cuidar”. Naquele texto, eu afirmei que “o cuidar recíproco é a chave do sucesso” dos relacionamentos afetivos. Para esclarecer um pouco mais o que isto quer dizer, transcrevo um trecho de um livro que muita gente da minha geração leu e que tem uma passagem que ficou famosa, a qual analisarei a seguir. O livro ao qual me refiro é o “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry.

Na parte que reproduzirei a seguir, o príncipezinho encontra uma raposa e a convida para brincar. A raposa se recusa, dizendo que não pode, pois não foi cativada. O príncipezinho, então quer saber o que é cativar e a raposa explica:

- *É uma coisa esquecida, disse a raposa. Significa “criar laços...”*
- *Criar laços...?*
- *Exatamente, disse a raposa. Tu és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...*
- *Começo a compreender, disse o príncipezinho. Existe uma flor... eu creio que ela me cativou... (p. 68-69)*

A raposa aconselha, então, o príncipezinho a ir rever as rosas e ele desenvolve o seguinte diálogo com as rosas:

- *Vós não sois absolutamente iguais à minha rosa, vós não sois nada ainda. Ninguém ainda vos cativou, nem cativastes a ninguém. Sois como era a minha raposa. Era uma raposa igual a cem mil outras. Mas eu fiz dela um amigo. Ela é agora única no mundo. E as rosas estavam desapontadas.*
- *Sois belas, mas vazias, disse ele ainda: não se pode morrer por vós. Minha rosa, sem dúvida um transeunte qualquer pensaria que se parece convosco. Ela sozinha é porém mais importante que vós todas, pois foi a ela que eu reguei. Foi a ela que pus sob a redoma. Foi a ela que abriguei com o paravento. Foi dela que eu matei as larvas (exceto duas ou três por causa das borboletas). Foi ela que eu escutei queixar-se ou gabar-se, ou mesmo calar-se algumas vezes. É a minha rosa. (p. 72)*

Neste diálogo, o príncipezinho explica para as rosas, que ele encontrou pelo caminho, porque elas não significam nada para ele e porque a rosa, da qual ele cuidou, é importante e significativa. Isto é o que acontece nos relacionamentos, quando passamos a cuidar de alguém. Ou seja, estabelecemos vínculo afetivo. O vínculo afetivo é o que a raposa chama de “laços”. A intimidade é um dos sentimentos de afeto que se estabelece e é ele que se forma quando há vulnerabilidade de ambas as partes.

Quando cuidamos de uma pessoa, queremos vê-la bem, criamos condições para que ela fique bem e incentivamos essa pessoa a se cuidar. Ao cuidarmos de alguém, nós percebemos o que ele ou ela sente, pensa, gosta e necessita. Esta capacidade, desenvolvemos ao prestar atenção quando ela nos conta o que vivenciou. Quando digo “prestar atenção”, quero dizer que o comportamento de contar o que foi vivenciado deve ter conseqüências. Não basta ouvir o que a pessoa está dizendo. Devemos apoiar ou criticar o que nos é contado, isto é, devemos nos envolver com o que nos é relatado. A pessoa que está fazendo o relato deve ser vulnerável, aceitando o risco de não receber aprovação.

Alguém de quem nós cuidamos é importante para nós e nós também nos tornamos importante para ele ou ela. Isto, de acordo com a raposa da estória, consiste em cativar esse alguém. E quando cativamos alguém, passamos a ter necessidade um do outro e nos tornamos responsáveis por esse alguém.

*- Os homens esquecem essa verdade, disse a raposa. Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa...
- Eu sou responsável pela minha rosa... repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar (p.74).*

Saint-Exupéry, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo